

DOMINGO II DEPOIS DO NATAL

CIC 151, 241, 291, 423, 445, 456-463, 504-505, 526, 1216, 2466, 2787:

Prólogo do Evangelho de João

- 151** Para o cristão, crer em Deus é crer inseparavelmente n'Aquele que Deus enviou – «no seu Filho muito amado» em quem Ele pôs todas as suas complacências¹: Deus mandou-nos que O escutássemos². O próprio Senhor disse aos seus discípulos: «Acreditais em Deus, acreditai também em Mim» (*Jo* 14, 1). Podemos crer em Jesus Cristo, porque Ele próprio é Deus, o Verbo feito carne: «A Deus, nunca ninguém O viu. O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer» (*Jo* 1, 18). Porque «viu o Pai» (*Jo* 6, 46), Ele é o único que O conhece e O pode revelar³.
- 241** É por isso que os Apóstolos confessam que Jesus é «o Verbo [que] estava [no princípio] junto de Deus» e que é Deus (*Jo* 1, 1), «a imagem do Deus invisível» (*Cl* 1, 15), «o resplendor da sua glória e a imagem da sua substância» (*Heb* 1, 3).
- 291** «No princípio era o Verbo... e o Verbo era Deus... Tudo se fez por meio d'Ele e, sem Ele, nada se fez» (*Jo* 1, 1-3). O Novo Testamento revela que Deus tudo criou por meio do Verbo eterno, seu Filho muito-amado. Foi n'Ele «que foram criados todos os seres que há nos céus e na terra [...]. Tudo foi criado por seu intermédio e para Ele. Ele é anterior a todas as coisas, e todas se mantêm por Ele» (*Cl* 1, 16-17). A fé da Igreja afirma igualmente a acção criadora do Espírito Santo: Ele é Aquele «que dá a vida»⁴, «o Espírito Criador» (*Veni, Creator Spiritus*), a «Fonte de todo o bem»⁵.
- 423** Nós cremos e confessamos que Jesus de Nazaré, judeu nascido numa filha de Israel, em Belém, no tempo do rei Herodes o Grande e do imperador César Augusto, carpinteiro de profissão, morto crucificado em Jerusalém sob o procurador Pôncio Pilatos no reinado do imperador Tibério, é o Filho eterno de Deus feito homem; que Ele «saiu de Deus» (*Jo* 13, 3), «desceu do céu» (*Jo* 3, 13; 6, 33) e «veio na carne»⁶, porque «o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós. Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho Unigénito, cheio de graça e de verdade [...] Na verdade, foi da sua plenitude que todos nós recebemos, graça sobre graça» (*Jo* 1, 14, 16).

¹ Cf. *Mc* 1, 11.

² Cf. *Mc* 9, 7.

³ Cf. *Mt* 11, 27.

⁴ *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*: DS 150.

⁵ *Liturgia Bizantina*, Tropário das Vésperas de Pentecostes: *Pentêkostáron* (Rome 1883), p. 408.

⁶ Cf. *1 Jo* 4, 2.

- 445** É depois da ressurreição que a filiação divina de Jesus aparece no poder da sua humanidade glorificada: «Segundo o Espírito santificante, pela sua ressurreição de entre os mortos, Ele foi estabelecido como Filho de Deus em poder» (*Rm 1, 4*)⁷. E os Apóstolos poderão confessar: «Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como a Filho único, cheio de graça e de verdade» (*Jo 1, 14*).
- 456** Com o Credo Niceno-Constantinopolitano, respondemos confessando: «*Por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus; e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e Se fez homem*»⁸.
- 457** O Verbo fez-Se carne *para nos salvar, reconciliando-nos com Deus*: «Foi Deus que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (*1 Jo 4, 10*). «O Pai enviou o Filho como salvador do mundo» (*1 Jo 4, 14*). «E Ele veio para tirar os pecados» (*1 Jo 3, 5*):
 «Enferma, a nossa natureza precisava de ser curada; decaída, precisava de ser elevada; morta, precisava de ser ressuscitada. Tínhamos perdido a posse do bem; era preciso que nos fosse restituído. Encerrados nas trevas, precisávamos de quem nos trouxesse a luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, esperávamos um auxílio; escravos, precisávamos dum libertador. Seriam razões sem importância? Não seriam suficientes para comover a Deus, a ponto de O fazer descer até à nossa natureza humana para a visitar, já que a humanidade se encontrava em estado tão miserável e infeliz?»⁹.
- 458** O Verbo fez-Se carne, *para que assim conhecêssemos o amor de Deus*: «Assim se manifestou o amor de Deus para conosco: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que vivamos por Ele» (*1 Jo 4, 9*). «Porque Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna» (*Jo 3, 16*).
- 459** O Verbo fez-Se carne, *para ser o nosso modelo de santidade*: «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim [...] » (*Mt 11, 29*). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (*Jo 14, 6*). E o Pai, na montanha da Transfiguração, ordena: «Escutai-O» (*Mc 9, 7*)¹⁰. De facto, Ele é o modelo das bem-aventuranças e a norma da Lei nova: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (*Jo 15, 12*). Este amor implica a oferta efectiva de nós mesmos, no seu seguimento¹¹.
- 460** O Verbo fez-Se carne, *para nos tornar «participantes da natureza divina»* (*2 Pe 1, 4*): «Pois foi por essa razão que o Verbo Se fez homem, e o Filho de Deus Se fez Filho do Homem: foi para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo assim a adopção divina, se tornasse filho de Deus»¹². «Porque o Filho de Deus fez-Se homem, para nos fazer deuses»¹³. «*Unigenitus [...] Dei Filius, suae divinitatis volens nos esse participes, naturam nostram assumpsit,*

⁷ Cf. *Act 13, 33*.

⁸ DS 150.

⁹ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *Oratio catechetica* 15, 3: TD 7, 78 (PG 45, 48).

¹⁰ Cf. *Dt 6, 4-5*.

¹¹ Cf. *Mc 8, 34*.

¹² SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses* 3, 19, 1: SC 211, 374 (PG 7, 939).

¹³ SANTO ATANÁSIO, *De Incarnatione*, 54, 3: SC 199, 458 (PG 25, 192B).

ut homines deos faceret factus homo – O Filho Unigénito de Deus, querendo que fôssemos participantes da sua divindade, assumiu a nossa natureza para que, feito homem, fizesse os homens deuses»¹⁴.

461 Retomando a expressão de São João («o Verbo fez-Se carne»: *Jo* 1, 14), a Igreja chama «Encarnação» ao facto de o Filho de Deus ter assumido uma natureza humana, para nela levar a efeito a nossa salvação. Num hino que nos foi conservado por São Paulo, a Igreja canta este mistério:

«Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio, assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte, e morte de Cruz» (*Fl* 2, 5-8)¹⁵.

462 A Epístola aos Hebreus fala do mesmo mistério:

«É por isso que, ao entrar neste mundo, Cristo diz: “Não quiseste sacrifícios e oferendas, mas formaste-Me um corpo. Holocaustos e imolações pelo pecado não Te foram agradáveis. Então Eu disse: Eis-Me aqui [...] para fazer a tua vontade”» (*Heb* 10, 5-7, citando o *Sl* 40, 7-9, segundo os LXX).

463 A fé na verdadeira Encarnação do Filho de Deus é o sinal distintivo da fé cristã: «Nisto haveis de reconhecer o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa a Jesus Cristo encarnado é de Deus» (*1 Jo* 4, 2). É esta a alegre convicção da Igreja desde o princípio, ao cantar «o grande mistério da piedade»: «Ele manifestou-Se na carne» (*1 Tm* 3, 16).

504 Jesus é concebido pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, porque Ele é o *Novo Adão*¹⁶, que inaugura a criação nova: «O primeiro homem veio da terra e do pó; o segundo homem veio do céu» (*1 Cor* 15, 47). A humanidade de Cristo é, desde a sua conceição, cheia do Espírito Santo, porque Deus «não dá o Espírito por medida» (*Jo* 3, 34). É da «sua plenitude», que Lhe é própria enquanto cabeça da humanidade resgatada¹⁷, que «nós recebemos graça sobre graça» (*Jo* 1, 16).

505 Jesus, o novo Adão, inaugura, pela sua conceição virginal, o novo nascimento dos filhos de adopção, no Espírito Santo, pela fé. «Como será isso?» (*Lc* 1, 34)¹⁸. A participação na vida divina não procede «do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus» (*Jo* 1, 13). A recepção desta vida é virginal, porque é inteiramente dada ao homem pelo Espírito. O sentido esposal da vocação humana, em relação a Deus¹⁹, foi perfeitamente realizado na maternidade virginal de Maria.

¹⁴ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Officium de festo corporis Christi*, Ad Matutinas, In primo Nocturno, Lectio 1: *Opera omnia*, v. 29 (Parisiis 1876) p. 336.

¹⁵ Cf. *Cântico nas Vésperas de Domingo: Liturgia Horarum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1973-1974), v. 1, p. 545.629.718 e 808; v. 2, p. 844.937.1037 e 1129; v. 3, p. 548.669.793 e 916; v. 4, p. 496.617.741 e 864 [Ed. portuguesa: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 1, p. 621.710.803 e 897; v. 2, p. 984, 1079, 1182 e 1278; v. 3, p. 685.800.918 e 1032; v. 4, p. 633.748.866 e 980]

¹⁶ Cf. *1 Cor* 15, 45.

¹⁷ Cf. *Cl* 1, 18.

¹⁸ Cf. *Jo* 3, 9.

¹⁹ Cf. *2 Cor* 11, 2.

526 «Tornar-se criança» diante de Deus é a condição para entrar no Reino²⁰, e para isso, é preciso abaixar-se²¹, tornar-se pequeno. Mais ainda: é preciso «nascer do Alto» (Jo 3, 7), «nascer de Deus»²², para se «tornar filho de Deus»²³. O mistério do Natal cumpre-se em nós quando Cristo «Se forma» em nós²⁴. O Natal é o mistério desta «admirável permuta»:

«*O admirabile commercium! Creator generis humani, animatum corpus sumens de Virgine nasci dignatus est; et, procedens homo sine semine, largitus est nobis suam deitatem* – Oh admirável permuta! O Criador do género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem sem progenitor humano, tornou-nos participantes da sua divindade!»²⁵

1216 «Este banho é chamado *iluminação*, porque aqueles que recebem este ensinamento [catequético] ficam com o espírito iluminado...»²⁶. Tendo recebido no Baptismo o Verbo, «luz verdadeira que ilumina todo o homem» (Jo 1, 9), o baptizado, «depois de ter sido iluminado»²⁷, tornou-se «filho da luz»²⁸ e ele próprio «luz» (Ef 5, 8):

«O Baptismo é o mais belo e magnífico dos dons de Deus [...] Chamamos-lhe dom, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo e tudo o que há de mais precioso. *Dom*, porque é conferido àqueles que não trazem nada; *graça*, porque é dado mesmo aos culpados; *baptismo*, porque o pecado é sepultado nas águas; *unção*, porque é sagrado e régio (como aqueles que são ungidos); *iluminação*, porque é luz irradiante; *veste*, porque cobre a nossa vergonha; *banho*, porque lava; *selo*, porque nos guarda e é sinal do senhorio de Deus»²⁹.

2466 Em Jesus Cristo, a verdade de Deus manifestou-se na sua totalidade. «Cheio de graça e de verdade»³⁰, Ele é a «luz do mundo» (Jo 8, 12), Ele é a verdade³¹. Quem nele crê não fica nas trevas³². O discípulo de Jesus «permanece na sua palavra» para conhecer «a verdade que liberta»³³ e que santifica³⁴. Seguir Jesus é viver do «Espírito de verdade»³⁵ que o Pai envia em seu nome³⁶ e que conduz «à verdade total» (Jo 14, 17; 16, 13). Aos seus discípulos, Jesus ensina o amor incondicional à verdade: «que a vossa linguagem seja: “sim, sim; não, não”» (Mt 5, 37).

2787 Quando dizemos Pai «nosso», reconhecemos, antes de mais nada, que todas as suas promessas de amor, anunciadas pelos profetas, se cumpriram na *nova e*

²⁰ Cf. Mt 18, 3-4.

²¹ Cf. Mt 23, 12.

²² Cf. Jo 1, 13.

²³ Cf. Jo 1, 12.

²⁴ Cf. Gl 4, 19.

²⁵ *Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus*, 1ª Antífona das I e II Vésperas: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973), p. 385 e 397 [a versão oficial portuguesa é menos exacta: «Oh admirável mistério! O Criador do género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem, tornou-nos participantes da sua divindade!»: *Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983), p. 426 e 441].

²⁶ SÃO JUSTINO, *Apologia* 1, 61: CA 1, 168 (PG 6, 421).

²⁷ Cf. Heb 10, 32.

²⁸ Cf. 1 Ts 5, 5.

²⁹ SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Oratio* 40, 3-4: SC 358, 202-204 (PG 36, 361-364).

³⁰ Cf. Jo 1, 14.

³¹ Cf. Jo 14, 6.

³² Cf. Jo 12, 46.

³³ Cf. Jo 8, 31-32.

³⁴ Cf. Jo 17, 17.

³⁵ Cf. Jo 14, 17.

³⁶ Cf. Jo 14, 26.

eterna Aliança no seu Cristo: nós tornámo-nos o «seu» povo e Ele é doravante o «nosso» Deus. Esta relação nova é uma pertença mútua, dada gratuitamente: é por amor e fidelidade³⁷ que temos de responder «à graça e à verdade» que nos foram dadas em Cristo Jesus³⁸.

CIC 272, 295, 299, 474, 721, 1831: Cristo, Sabedoria de Deus

272 A fé em Deus Pai todo-poderoso pode ser posta à prova pela experiência do mal e do sofrimento. Por vezes, Deus pode parecer ausente e incapaz de impedir o mal. Ora, Deus Pai revelou a sua onipotência do modo mais *misterioso*, na humilhação voluntária e na ressurreição do seu Filho, pelas quais venceu o mal. Por isso, Cristo crucificado é «força de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» (1 Cor 1, 24-25). Foi na ressurreição e na exaltação de Cristo que o Pai «exerceu a eficácia da [sua] poderosa força» e mostrou a «incomensurável grandeza que representa o seu poder para nós, os crentes» (Ef 1, 19-22).

295 Acreditamos que Deus criou o mundo segundo a sua sabedoria³⁹. O mundo não é fruto duma qualquer necessidade, dum destino cego ou do acaso. Acreditamos que ele procede da vontade livre de Deus, que quis fazer as criaturas participantes do seu Ser, da sua sabedoria e da sua bondade: «porque Vós criastes todas as coisas e, pela vossa vontade, elas receberam a existência e foram criadas» (Ap 4, 11). «Como são grandes, Senhor, as vossas obras! Tudo fizestes com sabedoria» (Sl 104, 24). «O Senhor é bom para com todos e a sua misericórdia estende-se a todas as criaturas» (Sl 145, 9).

299 Uma vez que Deus cria com sabedoria, a criação possui ordem. «Dispusestes tudo com medida, número e peso» (Sb 11, 20). Criada no Verbo e pelo Verbo eterno, «que é a imagem do Deus invisível» (Cl 1, 15), a criação destina-se e orienta-se para o homem, imagem de Deus⁴⁰, chamado ele próprio a uma relação pessoal com Deus. A nossa inteligência, participante da luz do intelecto divino, pode entender o que Deus nos diz pela sua criação⁴¹, sem dúvida com grande esforço e num espírito de humildade e de respeito perante o Criador e a sua obra⁴². Saída da bondade divina, a criação partilha dessa bondade («E Deus viu que isto era bom... muito bom»: Gn 1, 4.10.12.18.21.31). Porque a criação é querida por Deus como um dom orientado para o homem, como herança que lhe é destinada e confiada. A Igreja, em diversas ocasiões, viu-se na necessidade de defender a bondade da criação, mesmo a do mundo material⁴³.

³⁷ Cf. Os 2, 21-22; 6, 1-6.

³⁸ Cf. Jo 1, 17.

³⁹ Cf. Sb 9, 9.

⁴⁰ Cf. Gn 1, 26.

⁴¹ Cf. Sl 19, 2-5.

⁴² Cf. Job 42, 3.

⁴³ Cf. SÃO LEÃO MAGNO, Ep *Quam laudabiliter*: DS 286; I CONCÍLIO DE BRAGA, *Anathematismi praesertim contra Priscillianistas*, 5-13: DS 455-463; IV CONCÍLIO DE LATRÃO, Cap. 2, *De fide catholica*: DS 800; CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decretum pro Iacobitis*: DS 1333. I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c.1: DS 3002.

- 474** Pela sua união com a Sabedoria divina na pessoa do Verbo Encarnado, o conhecimento humano de Cristo gozava, em plenitude, da ciência dos desígnios eternos que tinha vindo revelar⁴⁴. O que neste domínio Ele reconhece ignorar⁴⁵ declara, noutro ponto, não ter a missão de o revelar⁴⁶.
- 721** Maria, a santíssima Mãe de Deus, sempre virgem, é a obra-prima da missão do Filho e do Espírito na plenitude do tempo. Pela primeira vez no desígnio da salvação e porque o seu Espírito a preparou, o Pai encontra a *morada* na qual o seu Filho e o seu Espírito podem habitar entre os homens. É neste sentido que a Tradição da Igreja muitas vezes lê, em relação a Maria, os mais belos textos sobre a Sabedoria⁴⁷: Maria é cantada e apresentada na Liturgia como «o Trono da Sabedoria».
- Nela começam a manifestar-se as «maravilhas de Deus», que o Espírito vai realizar em Cristo e na Igreja.
- 1831** Os sete *dons* do Espírito Santo são: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. Pertencem em plenitude a Cristo, filho de David⁴⁸. Completam e levam à perfeição as virtudes de quem os recebe. Tornam os fiéis dóceis, na obediência pronta às inspirações divinas.
- «Que o vosso espírito de bondade me conduza pelo caminho recto» (*Sl* 143, 10).
- «Todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus [...]; se somos filhos, também somos herdeiros: herdeiros de Deus, co-herdeiros de Cristo» (*Rm* 8, 14.17).

CIC 158, 283, 1303, 1831, 2500: Deus dá-nos a Sabedoria

- 158** «A fé procura compreender»⁴⁹: é inerente à fé o desejo do crente de conhecer melhor Aquele em quem acreditou, e de compreender melhor o que Ele revelou; um conhecimento mais profundo exigirá, por sua vez, uma fé maior e cada vez mais abrasada em amor. A graça da fé abre «os olhos do coração» (*Ef* 1, 18) para uma inteligência viva dos conteúdos da Revelação, isto é, do conjunto do desígnio de Deus e dos mistérios da fé, da íntima conexão que os liga entre si e com Cristo, centro do mistério revelado. Ora, para «que a compreensão da Revelação seja cada vez mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé, mediante os seus dons»⁵⁰. Assim, conforme o dito de Santo Agostinho, «eu creio para compreender e compreendo para crer melhor»⁵¹.
- 283** A questão das origens do mundo e do homem tem sido objecto de numerosas investigações científicas, que enriqueceram magnificamente os nossos conhecimentos sobre a idade e a dimensão do cosmos, a evolução dos seres vivos, o aparecimento do homem. Tais descobertas convidam-nos, cada vez mais, a admirar a grandeza do Criador e a dar-Lhe graças por todas as suas obras, e

⁴⁴ Cf. *Mc* 8, 31; 9, 31; 10, 33-34; 14, 18-20. 26-30.

⁴⁵ Cf. *Mc* 13, 32.

⁴⁶ Cf. *Act* 1, 7.

⁴⁷ Cf. *Pr* 8, 1-9, 6; *Ecl* 24.

⁴⁸ Cf. *Is* 11, 1-2.

⁴⁹ SANTO ANSELMO DE CANTUÁRIA, *Proslogion*, Prooemium: *Opera omnia*, ed. F. S. SCHMITT, v. 1, Edinburgo 1946, p. 94.

⁵⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

⁵¹ SANTO AGOSTINHO, *Sermo* 43, 7, 9: CCL 41, 512 (PL 38, 258).

pela inteligência e saber que dá aos sábios e investigadores. Estes podem dizer com Salomão: «Foi Ele quem me deu a verdadeira ciência de todas as coisas, a fim de conhecer a constituição do Universo e a força dos elementos [...], porque a Sabedoria, que tudo criou, mo ensinou» (*Sb* 7, 17-21).

1303 Por esse facto, a Confirmação proporciona crescimento e aprofundamento da graça baptismal:

- enraíza-nos mais profundamente na filiação divina, que nos leva a dizer «Abba! Pai!» (*Rm* 8, 15);
- une-nos mais firmemente a Cristo;
- aumenta em nós os dons do Espírito Santo;
- torna mais perfeito o laço que nos une à Igreja⁵²;
- dá-nos uma força especial do Espírito Santo para propagarmos e defendermos a fé, pela palavra e pela acção, como verdadeiras testemunhas de Cristo, para confessarmos com valentia o nome de Cristo, e para nunca nos envergonharmos da cruz⁵³:

«Lembra-te, pois, de que recebeste o sinal espiritual, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade, o espírito do santo temor, e guarda o que recebeste. Deus Pai marcou-te com o seu sinal, o Senhor Jesus Cristo confirmou-te e pôs no teu coração o penhor do Espírito»⁵⁴.

1831 Os sete *dons* do Espírito Santo são: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. Pertencem em plenitude a Cristo, filho de David⁵⁵. Completam e levam à perfeição as virtudes de quem os recebe. Tornam os fiéis dóceis, na obediência pronta às inspirações divinas.

«Que o vosso espírito de bondade me conduza pelo caminho recto» (*Sl* 143, 10).
«Todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus [...]; se somos filhos, também somos herdeiros: herdeiros de Deus, co-herdeiros de Cristo» (*Rm* 8, 14.17).

2500 A prática do bem é acompanhada por um prazer espiritual gratuito e pela beleza moral. Do mesmo modo, a verdade comporta a alegria e o esplendor da beleza espiritual. A verdade é bela por si mesma. A verdade da palavra, expressão racional do conhecimento da realidade criada e incriada, é necessária ao homem dotado de inteligência; mas a verdade pode encontrar também outras formas de expressão humana, complementares, sobretudo quando se trata de evocar o que ela comporta de indizível: as profundezas do coração humano, as elevações da alma, o mistério de Deus. Antes mesmo de Se revelar ao homem em palavras de verdade, Deus revela-Se-lhe pela linguagem universal da criação, obra da sua Palavra e da sua Sabedoria: a ordem e a harmonia do cosmos – que podem ser descobertas tanto pela criança como pelo homem de ciência –, «a grandeza e a beleza das criaturas levam, por analogia, à contemplação do seu Autor» (*Sb* 13, 5), «porque foi a própria fonte da beleza que as criou» (*Sb* 13, 3).

«Com efeito, a Sabedoria é um sopro do poder de Deus, efusão pura da glória do Omnipotente; por isso, nenhum elemento impuro a pode atingir. Ela é o esplendor da luz

⁵² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 15.

⁵³ Cf. CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decretum pro Armenis*: DS 1319; II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 15; *Ibid.*, 12: AAS 57 (1965) 16.

⁵⁴ SANTO AMBRÓSIO, *De mysteriis* 7, 42: CSEL 73, 106 (PL 16, 402-403).

⁵⁵ Cf. *Is* 11, 1-2.

eterna, límpido espelho da actividade de Deus, imagem da sua bondade (*Sb 7, 25-26*). A Sabedoria é, de facto, mais formosa do que o sol e supera todas as constelações. Comparada com a luz, revela-se mais excelente, porque à luz sucede a noite, mas a maldade nada pode contra a Sabedoria (*Sb 7, 29-30*). Amei-a [...] e enamorei-me dos seus encantos» (*Sb 8, 2*).